

Direitos Humanos

em prosa e verso

Coletânea do Primeiro Concurso Multicampi de
Redação do Instituto Federal de Brasília



ORGANIZAÇÃO

PRÓ-REITORIA DE ENSINO
INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA

EDITORA



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE BRASÍLIA

REITORA

Veruska Ribeiro Machado

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Rosa Amélia Pereira da Silva

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Diene Ellen Tavares Silva

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E INOVAÇÃO

Simone Braz Ferreira Gontijo

PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO

Cláudia Sabino Fernandes

PRÓ-REITOR DE GESTÃO DE PESSOAS

José Anderson de Freitas Silva

COORDENAÇÃO DE PUBLICAÇÕES

Daniele dos Santos Rosa

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Jefferson Sampaio de Moura

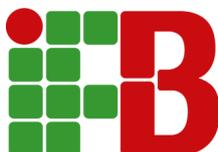
DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Guilherme Carvalho Rodrigues
(Colaborador Externo)

REVISÃO TEXTUAL

Rosa Amélia Pereira da Silva

EDITORA



REITORIA - Setor de Autarquias Sul,

Qd 02, Bloco E - Edifício Siderbrás

CEP: 70070-020 Asa Sul - Brasília/DF

www.ifb.edu.br

Fone: +55 (61) 2103-2110

editora@ifb.edu.br

2023 Editora IFB



A exatidão das informações, as opiniões e os conceitos emitidos nos capítulos são de exclusiva responsabilidade dos autores. Todos os direitos desta edição são reservados à Editora IFB. É permitida a publicação parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte. É proibida a venda desta publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D598 Direitos humanos em prosa e verso [recurso eletrônico] : coletânea do primeiro concurso multicampi de redação do Instituto Federal de Brasília / organização Pró-Reitoria de Ensino, Instituto Federal de Brasília.
Brasília : Editora IFB, 2023.
1 arquivo texto (53 p.) : PDF ; il. color. ; 1,9 MB.

Disponível em formato PDF.

Modo de acesso : World Wide Web.

ISBN 978-65-6074-007-5.

Disponível em: <http://revistaexixo.ifb.edu.br/index.php/editoraifb>

1. Direitos humanos. 2. Redação acadêmica. 3. Literatura – concursos. 4. Prosa (literatura). 5. Justiça social. 6. Cidadania. 7. Cidadania – direitos políticos. 8. Educação – aspectos sociais. I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília. Pró-Reitoria de Ensino. II. Título.

CDU: 341.231.14:37

SUMÁRIO

- 01 Apresentação
- 03 A Coruja, o Tamanduá, a Preguiça e a Cegonha
- 05 Pra não dizer que não falei da força da educação na promoção da justiça social.
- 06 Feche os olhos e imagine um futuro
- 08 Todos os homens nascem iguais
- 09 Os direitos básicos da cidadania
- 10 Papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos
- 12 Vasta humanidade, lenta e plastificada.
- 14 Educação para todos e todas
- 15 Qual o papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos?
- 16 Poema DUDH
- 17 Falando de Educação
- 19 Papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos
- 20 Qual o papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos?
- 23 O papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos
- 24 Educação: caminhando com os Direitos Humanos
- 25 Uma cultura de direitos humanos significa respeitar as diferenças
- 26 Papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos
- 28 A Educação como meio de refrear a desigualdade social
- 29 Direitos Humanos na Escola
- 30 Justiça social com educação
- 31 Papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos.
- 32 Para falar dos direitos humanos
- 33 DUDH art.15
- 34 Menino do Interior
- 35 Papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos
- 36 Qual o papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos?
- 37 Dizem que todos são iguais
- 38 Cadê o meu direito de educação?
- 39 Todo mundo mentiu
- 40 O papel da educação na promoção da justiça social
- 41 Papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos
- 42 Educar para a justiça social ou deseducar para a ganância?
- 44 Broklenay
- 46 O homem mais forte defende os outros
- 48 Qual é o papel da educação?
- 49 Direito à transformação
- 50 Importância dos direitos humanos na sociedade
- 52 Texto Final



APRESENTAÇÃO

O concurso de redação multicampi promovido pelo IFB surgiu a partir da sugestão de uma estudante do Campus Planaltina em um momento de diálogo entre a reitoria e o campus, quando a instituição estava retornando à presencialidade após a pandemia de Covid-19.

Estávamos dialogando com estudantes quando uma delas questionou: por que o IFB não tem um concurso de redação que possa envolver todos os campi? A provocação dessa estudante deu origem ao Primeiro Concurso de Redação Multicampi do IFB, cujo edital foi publicado em dezembro de 2022.

O tema do primeiro concurso foi o papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos. Seus objetivos, promover a discussão e a reflexão entre os estudantes dos campi acerca do tema; revelar talentos na instituição de ensino; e estimular a pesquisa e o trabalho criativo, permitiram o desenvolvimento de ações de ensino, pesquisa e extensão.

O tema lançado no concurso de redação nesta primeira edição foi utilizado por algumas professoras para induzir o debate sobre a promoção da justiça social a partir da política de direitos humanos, fomentando o desenvolvimento do pensamento crítico e da pesquisa sobre a temática. A partir dessa reflexão, estudantes de diferentes campi produziram textos em prosa e em verso sobre a temática. Esses textos foram avaliados por uma banca composta por profissionais ad hoc. O resultado do concurso ocorreu em um sarau, com a participação da comunidade do IFB e de outros convidados, promovendo assim o diálogo sobre o tema justiça social e direitos humanos por meio da literatura.

Este caderno traz os textos produzidos neste primeiro do concurso. Nele encontram-se textos produzidos por jovens, adultos e idosos sobre justiça social e direitos humanos. Além do registro histórico da realização do primeiro concurso de redação do IFB, os textos deste caderno também trazem reflexões sobre os desafios enfrentados para a promoção da justiça social no Brasil de 2023.

Boa leitura!

Veruska Ribeiro Machado

Reitora



CURSO SUPERIOR

Textos Premiados

1º Lugar - Valdenice Chaves de Carvalho, com o texto, em prosa, “A Coruja, o Tamanduá, a Preguiça e a Cegonha”, curso Licenciatura em Letras – Português - campus São Sebastião.

2º Lugar - Paulo Barbosa Santos, com o texto em verso “Pra não dizer que não falei da força da educação na promoção da justiça social” do curso ProfEPT - Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica - Campus Brasília.

3º Lugar - Mateus Couto dos Santos, com o texto em prosa “Feche os olhos e imagine um futuro” do curso Tecnologia em Sistemas para a Internet - Campus Brasília.



A Coruja, o Tamanduá, a Preguiça e a Cegonha

Valdenice Chaves de Carvalho

Licenciatura em Letras - Português

Campus São Sebastião



Dona Coruja arrumava, apressadamente, os filhos para levá-los à escola.

– Vamos Joaninha. E você, Guinho, toma logo esse café.

Um lacinho no cabelo de Joana, um passa pente na cabeça do Aguinaldo. Bem, tudo pronto, pensava Dona Isabel puxando os meninos para fora. Hora de ir à escola.

Mal Dona Coruja começou a levantar voo e cabuu. Se embolou toda com Seu Zé Tamanduá que estava por ali com seus três filhos, atrás de uma colônia de formigas que, desesperadas, corriam pra lá e pra cá.

– Bom dia, Seu Zé Tamanduá! – exclamou ela, sacudindo as penas para se limpar.

– Bom dia, Dona Isabel. O que faz a senhora a essas horas por estas paragens?

– Ora, Seu Zé Tamanduá, pois não vê que estou a levar meus meninos para o colégio?

E, o senhor, que horas leva os seus para lá? – Seu Zé Tamanduá sorriu.

– Não, Dona Isabel, meus filhos não estudam. Temos que trabalhar. A senhora sabe, as coisas estão difíceis. Conseguir comida não está fácil, e ainda aparece uns para atrapalhar.

Dona Coruja ia dizer que o estudo é importante. Que era sofrido viver sem saber ler nem escrever.

Que ele precisava procurar uma forma de colocar as crianças na escola. E que, se fosse o caso, ajudaria no que pudesse para que os garotos frequentassem a escola.

Ia falar, mas não deu tempo. Seu Zé Tamanduá, avistando uma carreira de formigas que passava despercebidamente por ali, mais que rapidamente disparou atrás delas com seus filhos, sob os bramidos eufóricos dos tamanduazinhos.

A coruja seguiu seu caminho tão apressada que, quando viu, se chocou no galho de uma árvore.

Nele estava Seu Manel Preguiça, que, meio em choque, procurava ver o que o atingiu.

– Oi, Dona Coruja, a senhora está bem?

– Sim, Seu Manel. Estou bem.

– Aonde vai com essa pressa? A senhora pode se machucar.

– Vou levar as crianças para a escola. Estou atrasada.

– Que bonito, Dona Isabel. Eu não estudei. Sinto muita falta disso! – exclamou Manel Preguiça a se lamentar.

– E por que não? – perguntou Dona Coruja.

– Perdi meus pais muito cedo. Um incêndio na floresta. Aí a senhora sabe... Sozinho, tendo que me sustentar, a escola foi ficando de lado.

– Mas ainda dá tempo – disse ela – nunca é tarde. E o senhor ainda é muito jovem.

– Agradecido – agradeceu ele.

– Sabe Seu Manel – continuou Dona Isabel – sem estudo a pessoa tem dificuldade para quase tudo, até para reivindicar seus direitos.

– É, eu sei – disse ele –, mas o tempo foi passando e cada dia vai ficando mais difícil de começar os estudos. A gente sempre vai deixando para lá. Mas um dia eu volto.

– Promete?

– Prometo – respondeu Manel alegre com o incentivo.

Dona Coruja seguiu seu rumo pensativa. Pensava em quantos não liam nem escreviam naquele lugar. Em como o analfabetismo promove exclusão social. Ela sabia que era necessário políticas públicas severas para combater essa realidade. Foi pensando, divagando até chegar à escola. Dona Cegonha, a professora, esperava seus alunos na porta da sala de aula. Sempre sorrindo, saudava todos que iam chegando.

– Bom dia, Dona Risona. Como vai a professora?

– Bom dia. Vou bem, Dona Isabel. E a senhora? Alguma coisa? Parece preocupada.

– Ah, Dona Risona, é a educação nesse país. Tantos fora da escola sem condições de estudar. É lugar que não tem escola, é escola longe para chegar. São tantos obstáculos para o aluno enfrentar. Tanta dificuldade!!! Dá vontade de chorar.

A cegonha, profunda conhecedora desse assunto, fechou o riso e começou a falar.

– Ora, tudo isso que a senhora está me falando é a mais pura verdade. Sou professora há mais de dez anos. Só eu sei o sofrimento que é para o professor cada aluno que desiste de estudar. E a dor que sentimos pela quantidade que não consegue ir à escola. É preciso conscientizar todos que a educação é direito a nós garantido, é lei.

– É verdade, professora, está na nossa constituição – concordou a coruja.

– Pois é, Dona Isabel, a educação promove justiça social constituindo uma sociedade mais justa e solidária. Li que, na humanidade, o analfabetismo fere os direitos humanos, que têm como pilar a dignidade da pessoa humana. Temos de construir esses valores coletivos entre nós também.

– Sim, sim – afirmou Dona Coruja – e bicho também é gente, né?

– Além de políticas públicas – continuou a cegonha – que conscientizem e orientem todos sobre seus direitos e as formas de alcançá-los, é preciso materializar esses direitos e promover maneiras de usufruí-los. Então se tem o direito à escola gratuita, tem de existir a escola e as condições para o usufruto dela.

– Muito bem! Perfeito, Dona Risona! E isso também vale para hospitais, lazer e o que mais a lei nos garanta. Se não, esses direitos continuam só no papel, né, professora? Completou a coruja regozijando com aquela conversa.

– Dona Isabel – disse Dona Risona –, obrigada por trazer as crianças à escola. Agora a senhora me dá licença. Hoje teremos aula de cidadania.

A coruja saiu satisfeita da vida. Bailou pelos ares sonhando com o dia em que todos pudessem frequentar a escola sem nenhuma exceção.

Pra não dizer que não falei da força da educação na promoção da justiça social.

Paulo Barbosa Santos

ProfEPT - Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica Campus Brasília



Educação é a magia que transmite valores de geração em geração.
É o meio que norteia costumes, é a regência da vida em comunhão.
Se os direitos humanos é o porto, a margem e a ponte são a educação.

Dentro de uma política de direitos humanos,
temos o papel de criticar as bases das desigualdades tão sofridas
E pautar a labuta e os rumos para um país mais igual
É o condão de instruir a solidariedade coletiva.

Assim, cabe a educação dar asas e arrumar a casa da justiça social
Alicerçar as liberdades, os convívios, a memória, o trabalho, o carnaval
Fazer a trilha do respeito ao outro, do respeito aos rios, ao ensino, ao chão
É função de a educação ser ato político, grito, instrumento e instrução.

E tem mais: a educação no bojo dos direitos humanos
tem o encargo de ser o cimento da nossa prática social
Ser a filosofia do dia a dia e ser ainda direito fundamental
Conceber almas livres por direito e criar muitas almas bacanas
E dentro dos direitos humanos
fazer prevalecer a dignidade da pessoa humana.

E pra terminar essa peleja sobre a tarefa da educação
Firma-se o belo papel de passar valores e construir cidadanias
Indo mais a fundo, são os olhos da compreensão do mundo
Numa sociedade cheia de diferenças, fake, zap, pobreza, trabalho e suor
E, no dia a dia, é vetor da teimosia que briga por um mundo melhor.

Feche os olhos e imagine um futuro

Mateus Couto dos Santos

Tecnologia em Sistemas para a Internet

Campus Brasília



Feche os olhos e imagine um futuro: uma curva radiante de grandes avanços e transformações econômicas, culturais, científicas, tecnológicas, artísticas e religiosas. O jovem espírito de uma época triunfante. Um modelo de sociedade equilibrada com as medidas mais justas do nosso tempo: respeito, honra, dignidade, justiça, tolerância e igualdade. Um futuro em que aparelhos são programados para melhorar significativamente a vida das pessoas. Os espelhos, construídos para o nosso próprio sorriso. Um mundo feito cada vez mais de escolhas, menos muros e mais pontes, sem fronteiras; onde os veículos de imprensa e as manchetes transmitem a essência dos fatos, promovem a inclusão, representatividade e a expressão das individualidades humanas; onde toda forma de conhecimento seja compartilhada e acessível para que comunidades cresçam, suas origens, histórias e identidades sejam preservadas, seus acordos de cooperação prevaleçam e suas criações e descobertas perseverem entre gerações.

Um futuro que estimula sonhos, talentos, aptidões e potencialidades por vocação. Tempos que fabricam líderes e mentes brilhantes para produzir novos saltos na humanidade. Um diálogo honesto e gentil entre o ser humano e a natureza, entre homens e mulheres, entre leis e índios. Eu vejo um futuro em que as ruas oferecem um espaço com proteção e segurança para celebrar a diversidade, o bem-estar comum, o cordel e o carnaval, todo o imaginário da cultura popular brasileira e o legado de suas tradições. Eu vejo um futuro de grandes novidades, feitos por nós, para nós.

Com os olhos fechados, pode até ser possível projetar o futuro, mas é impossível construí-lo. O futuro não deve ser uma realidade utópica, uma imagem meramente ilustrativa no rótulo de uma embalagem, mera ficção ou um produto da imaginação humana. Cada ser humano é único e representa uma unidade do futuro. Portanto, a construção de um futuro próspero, saudável e sustentável depende da garantia, soberania e da valorização dos direitos humanos. O progresso de uma nação se sustenta sobre os pilares do conhecimento. A educação é uma ferramenta que nos torna vivos e lúcidos para conviver com as dores e prazeres do nosso presente. Ela permite que as pessoas sejam responsáveis e críticas em relação ao mundo em que vivem, compreendendo os outros e a si mesmas, preparando-as para construir o futuro com olhos abertos. A educação é o selo de mudança que garante uma transformação de alto impacto para o futuro, no desenho da esfera social.

Educar uma sociedade em torno dos direitos humanos fomenta a formação de líderes conscientes, além de prepará-los para enfrentar desafios, oferecer recursos e garantir a proteção desses direitos no presente e no futuro. A política de direitos humanos define os direitos básicos e inalienáveis de todos os seres humanos, independentemente de sua raça, gênero, orientação sexual, religião ou qualquer outra característica. Essa política é a garantia de que todas as pessoas são tratadas com dignidade e respeito e todas têm acesso às mesmas oportunidades e direitos. Entendendo quais são seus direitos, responsabilidades e deveres, os cidadãos se tornam heróis e protagonistas de suas próprias lutas, reivindicações e conquistas. A mudança é uma das poucas coisas no mundo que faz com que o ordinário se torne extraordinário.

EMI E TÉCNICO/ PROEJA

Textos Premiados

1º Lugar - Fernanda Coêlho da Silva, com o texto em verso “Todos os homens nascem iguais” do curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Hospedagem - Campus Riacho Fundo.

2ª Lugar - Tatyelle de Souza Mata, com o texto em verso “Os direitos básicos da cidadania” do curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais - Campus São Sebastião.

3º Lugar - Ingrid Carolina Silva Lima, com o texto em verso “Papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos” do curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração- Campus São Sebastião



Todos os homens nascem iguais

Fernanda Coêlho da Silva

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Hospedagem Campus Riacho Fundo



Todos os homens nascem iguais
Isso é o que dizem
Mas o que se faz?
Vejo isso todo o tempo,
Manchetes, notícias, telejornais...
E até poemas,
Como a dessa de quem vos traz.

Afinal, essa tal justiça é pra quem?
Para os desvalidos, esquecidos e oprimidos?
Talvez para aqueles que têm esperança,
Pois já não tem ninguém!

Os homens não nascem iguais,
Isso não podemos negar
Cada qual carrega sua cruz,
Trilhando a longa jornada do sucesso,
Que parece nunca chegar.

O que pode ser feito?
Parece que não existem direitos
Mas existe a solução
Algo simples, chamado: educação.

Esse papel tão fundamental,
Podemos cumprir
A educação transforma
Nos forma

Se lutarmos pelo direito da nossa formação
Com consciência da nossa causa
Pelo direito essencial da formação
Mudaremos esse cenário
O futuro será mais próspero

Sem mais desigualdade,
Sem exclusão.

Os direitos básicos da cidadania

Tatyelle de Souza Mata

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais

Campus São Sebastião



Estudar, comer, trabalhar e ter uma moradia,
os direitos básicos de uma cidadania.

A cidadania se conquista principalmente com a educação,
ter acesso aos direitos básicos fazem com que todos
possam exercer sua função.

Se desenvolver plenamente, ter liberdade,
dignidade, direito de escolha, alimentação, educação
e segurança, tudo faz parte dos Direitos Humanos que
Por muito tempo fomos privados, privados de ter básico,
Privados do direito de ir e vir.
Fomos deixados sem nada.

Jogados no chão como se fossemos lixo que não valessem
absolutamente nada, nem o resto de um pão.
Abandonados sem chão, com os restos que já
não eram restos, eram descaso com a pouca esperança
que tínhamos nas nossas mãos.

Com muitas guerras, muitas lutas, pessoas que foram deixadas de lados
conquistaram seu espaço na sociedade. Conquistaram seus direitos.
“Todas as pessoas têm direitos e deveres iguais em todos os aspectos sociais.”

Isso é o que justiça social promove,
mas sabemos que mesmo com isso ainda existe
muita desigualdade e muitas guerras para lutar.

A educação tem como principal objetivo preparar as pessoas
para exercer seu papel como cidadão, mas como?

Como? Se nem todos têm acesso a ela?
Muitas revoluções ainda precisam acontecer
para todos se desenvolverem plenamente e
conquistarem seus direitos como seres humanos.

TERCEIRO LUGAR

Papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos

Rennielson do Amaral Costa

Especialização em Docência para a educação profissional e tecnológica

Campus Samambaia



A educação vem sendo instigada a viabilizar a promoção da justiça social, o que exige não apenas o controle do aspecto técnico ou técnicas pedagógicas, mas também uma coletânea de conhecimentos que possibilitem o desenvolvimento de um ensino probo e respeitável e uma realidade inter-relacionada de conhecimento recíproco. Há uma necessidade de explicitar uma educação em direitos humanos como requisito indispensável para a construção da justiça social.

A conexão entre justiça social e educação é um tema discutível e examinado em perspectivas diversas. Como entendimento inicial, o que se pode levar em consideração dessa conexão é a premissa de que os direitos humanos estão nas conjunturas integrativas baseadas na justiça social, lado a lado com temas relevantes ao bem comum, do aspecto multicultural, da dignidade, e outros. De maneira mais peculiar, a educação é tida como um dos mais importantes métodos das sociedades e dos estados democráticos na busca pela concretização da justiça social.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) sela os direitos humanos, reconhecidos a nível mundial, e foi promulgada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948. Elaborada em forma de carta com orientações visando evitar tragédias parecidas com a 2ª Guerra Mundial, a declaração fez-se, ao decorrer dos anos, um dos títulos mais conhecidos e importantes na busca por políticas democráticas e no enfrentamento de regimes ditatoriais e distintivos de toda ordem. Insta salientar que, além da força estritamente protetiva, a declaração presume, dos pontos de vista político e jurídico, uma abordagem mais enfática na visão da promoção da educação pelos direitos humanos. Os primórdios da educação e dos direitos humanos, no Brasil, só surgiram após o período ditatorial com a redemocratização do país, alavancados pela vontade e exigência da união e da confirmação da sociedade, que procurava, naquele momento, a segurança em construir um Estado e um indivíduo de direito. Desde então, houve muitos avanços.

Os avanços da justiça social só se tornam exequíveis se a educação e, por meio das instituições de ensino, florescer uma postura cultural em e pelos direitos humanos. Sem a participação escolar, improvavelmente poderá desenvolver uma sociedade mais justa e igualitária. Os direitos humanos são considerados muito importantes na educação, pois são essenciais para a formação humana, de forma que só existirá uma sociedade mais justa e democrática, se houver uma educação mais equitativa.

O papel da educação na promoção da justiça social, a partir da política de direitos humanos, é constituída como um instrumento de independência do indivíduo, à medida que garante a promoção de valores sociais, muitas das vezes deixados de lado, como a fraternidade e a solidariedade. Como meio de auxiliar a compreensão entre os povos, para a continuidade da dignidade humana e paz social, a educação é reforçada e incitada a fim de desenvolver um Estado Democrático.

Destaca-se o ambiente escolar como espaço indispensável, do ponto de vista de criar uma cultura focada e voltada para os direitos humanos. Para tal, é necessário identificar os pontos, em especial, a serem tratados e saber qual a limitação enfrentada e tentar mudar a forma de enfrentamento.

Demais Textos



Vasta humanidade, lenta e plastificada.

Sofia Lazzari de Oliveira Vieira

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Eventos

Campus Brasília

“O ser humano é aquilo que a educação faz dele.” Com essa asserção, Immanuel Kant aponta a ferramenta vital para a subsistência da humanidade, o mecanismo natural de seu progresso, presente em todo e qualquer aspecto da trajetória terrestre. Inevitável e incessante, o conhecimento, consequência do substantivo salientado pelo filósofo, é a engrenagem central da evolução, tanto do ser humano em seu aspecto historicamente influente quanto na sua individualidade.

Em uma realidade conduzida pela educação, a frequência de instituições de ensino é princípio à introdução do olhar desconhecedor ao mundo. Extasiadas com a magnitude da curiosidade, crianças deparam-se com a primeira aventura que a vida tem a oferecer: a saída da atmosfera familiar, íntima e costumeira, a um espaço inexplorado.

A pacificidade das manhãs, a possibilidade de agir sobre a euforia repentina, a comida caseira, as tardes com seus brinquedos favoritos – passos memorizados de uma coreografia recorrente–compreendem, agora, uma novidade: pessoas, o indivíduo é apresentado ao coletivo. Um novo cronograma de atividades matutinas é estipulado e, ao entardecer, os brinquedos escoltam preceitos sobre partilha e gentileza, retratando, concomitantemente, a maturação, as correrias ocasionais abrangem lições sobre trabalho em equipe e as refeições oportunizam a exploração de gostos e interesses. O sistema didático escolar integra mentes em formação a uma pedagogia análoga ao complexo social externo, proporcionando condições favoráveis à compreensão de sua inserção na sociedade e da vivência como um conceito conexo à pluralidade.

Essa analogia manifesta-se espontaneamente em propostas triviais, como a disposição de uma tartaruga de plástico em uma caixa de sapato e a instrução de seu trânsito entre uma turma, permanecendo, individualmente, sob o cuidado dos alunos por curtos períodos de tempo, nos quais deverão incorporar elementos a seu habitat e documentar sua experiência com o animal inanimado em um álbum comunitário.

Implicitamente, a prática simboliza o decurso de estruturas sócio-histórico-culturais, indicando a gradatividade, a migração de ideias e o encadeamento de ações distintas como fundamentos medulares do desenvolvimento mundial.

A história dos Direitos Humanos é propriamente representada por essa associação, correspondendo a milênios de ascensão, datada primordialmente na Babilônia e difundida entre revoluções. A concretização de um fenômeno social como esse não corresponde a um único indivíduo, nação ou período histórico, mas a um excruciante processo evolutivo, fruto da junção consequencial de narrativas congêneres e de menor escala, cuja origem também é assentada em precedentes semelhantes, e assim por diante.

Como crianças decorando uma caixa de sapato, a humanidade trabalha para arquitetar um lar progressivamente melhor para a tartaruga, isto é, um espaço adequado à sua própria existência. O conhecimento é a chave para a compreensão da presença de uma voz individual, produto e coeficiente de outras vozes. O compromisso de uma instituição de ensino é promover a educação autônoma, propiciando aos jovens o questionamento e a reflexão crítica, transformando sujeitos em cidadãos.

O sistema educacional molda o indivíduo para que ele seja capaz de moldar o sistema educacional. A educação iguala-se, não à abertura de um novo cosmo, mas ao firmamento do vigente e à identificação de mudanças necessárias nele.

Educação para todos e todas

Severino Justino da Silva Filho

Técnico Integrado ao Ensino Médio - PROEJA - Restaurante e Bar

Campus Riacho Fundo

Quando começamos a falar sobre o papel da educação na promoção da justiça social, a partir da política de direitos humanos, devemos pensar em países de vulnerabilidade social, como o Brasil. Vamos pensar no Brasil! Para a educação, voltada para o direito de todos e de todas começou a ser discutida a partir do século XX, com diversos movimentos pela educação.

No século seguinte, muitas coisas mudaram, as escolas foram ampliadas, e passaram a dar oportunidades de estudar para muitas pessoas. Tudo isso foi apenas possível através dos direitos humanos, vinculado ao fortalecimento da democracia e da justiça social.

“Educação para todos”, essa é uma frase que ouvimos regularmente no dia a dia dos brasileiros, principalmente nas propagandas eleitorais. No entanto, todos os anos verbas educacionais são cortadas, o que acarreta escolas com pouca infraestrutura, menos contratação de docentes, menos vagas nas escolas e mais rotação de estudantes trabalhadores em sala de aula.

Com todos esses problemas de corte, os prejudicados são as pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social, que em sua maioria são pessoas negras, pardas e indígenas, ou seja, uma grande quantidade da população brasileira.

Para lidar com esse problema histórico de desigualdade social, é preciso que políticas educacionais sejam implementadas e se voltem para diferentes áreas, como, por exemplo, a de mobilidade espacial. Ações, como auxílio deslocamento, poderiam ser mais flexíveis, menos burocráticas, pois, do modo como têm sido praticadas, muitas vezes, contribuem para a evasão escolar, visto que, após algumas faltas, o passe estudantil é bloqueado sem que haja diálogo entre o aluno e a companhia de transporte para dar explicações dos motivos das faltas.

O direito à mobilidade estudantil é oferecido, porém, imediatamente, é retirado do estudante. O sistema se beneficia, mas também é punido, sem se analisar com cautela as deficiências do sistema, uma fragilidade social leva a outra, em um sistema de rede que dificulta a obtenção de bons resultados escolares.

Temos muitas políticas públicas voltadas para a educação, porém elas são pensadas para o todo, como se toda a sociedade brasileira tivesse a mesma realidade. É por isso que temos os governadores, senadores, prefeitos, etc. Eles servem para colocar em prática os direitos e deveres de acordo com a realidade de cada comunidade.

Qual o papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos?

Priscila Rodrigues Guedes Nunes

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração

Campus São Sebastião

É inevitável que se tenha ouvido falar em educação e direitos humanos e não tenha ouvido falar da jovem ativista paquistanesa Malala Yousafzai. Ela é um símbolo da luta pela educação e pelos direitos das mulheres, uma vez que, quando estava a caminho da escola, foi baleada na cabeça pelo grupo talibã, apenas por ser uma menina usufruindo de um dos direitos básicos dos seres humanos.

Na história da humanidade, o acesso à educação sempre foi elitizado e excludente. Para ilustrar, uma das mais importantes leis educacionais do Brasil, a Lei Geral, promulgada em 1827, determinava que meninos e meninas estudassem em locais separados e ainda haveria uma diferença no currículo escolar, o qual favorecia os meninos. Nesse sentido, é necessário pensar a educação de modo que ela promova a equidade social e se baseie nos direitos humanos.

Em primeira análise, entende-se a educação enquanto instrumento que promove equidade. Sob esta ótica, o educador e sociólogo Paulo Freire observa que “a educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que se fazem e refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber”. Logo, é preciso fomentar ações que promovam a integração de homens e mulheres em espaços comuns.

Além disso, os direitos humanos devem estar presentes no processo educacional, para acolher as diferenças e as necessidades de todos. Nesse prisma, o filme “Escritores da Liberdade” apresenta a recém formada professora Erin Grunwell, que, em vez de apenas ensinar para seus alunos, os quais estavam em situação de vulnerabilidade social e sofriam com questões étnicas, buscou compreendê-los e moldou o seu método de ensino a partir da vivência de cada um.

Diante do exposto, é possível observar que a educação promove equidade social quando se tem um ambiente onde a diversidade é espaço de acolhida, bem como quando se alia à política dos Direitos Humanos. Desse modo, os educadores, ao ministrarem as aulas e passarem o conhecimento adiante, entendem que cada pessoa vive uma realidade diferente, mas, mesmo assim, todos devem ter educação de qualidade, assim como a que a jovem Malala defende.

Poema DUDH

Weidryan Carneiro Conceição

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração

Campus São Sebastião

Humano, tudo e nada,
todos e ninguém,
o que define humano
se não for seu direito de ser ZEN

Humano tem direito,
De decidir e recusar.
Se a humanidade recusar esse direito.
O que para o Humano restará?

Todos nós, Todos nós
Somos um
Uma unidade, mas com Individualidade
Nos diferenciamos apenas na mentalidade.

Sem direito à Escolaridade,
Também se corta o direito de notoriedade

Maldade, oh maldade!

Direitos básicos devem ser respeitados, não
importa o ambiente e nem a mente
No final, Humano!

Falando de Educação

Valdenice Chaves de Carvalho

Licenciatura em Letras - Português

Campus São Sebastião

Ô moço, a vida tá dura
Eu vim lá do Ceará
Não escrevo nem leio
Má eu sei assuletrá

Ô cumpadi, eu sô sulista
Nem por isso vivo mió
Meu sotaque é nordestino
Como pode repará
Por pouco não sô nortista
O meu pai veio de lá
Pra módi trabalha

Arrumou uma alagoana
Pra com ele se casá
Então eu nasci paulista
Com um pé no Alagoas
e outro no Ceará

Não estudei foi nada
Minha vida é trabalhá
Arrumei uma mineira
E com ela fui mora

Ela me deu três fi
Esses pus pra estudá
Não terminaram os estudos
Pois tiveram que trabalha

O mais novo tá querendo
vortá a estudá
Diz que ano que vem
vai pra escola retorná

Ô moço, os meus fi não estudou
Não tinha escola por lá
E mesmo agora há pouco
É que a gente mudou pra cá

Mas aqui também não dá
pra eles estudá
A escola é muito longe
E nós têm que a vida ganhá
Trusse a família toda
Pra vida miorá
Mas que miora nem nada
É vivendo pra trabalhá

Ouvi falá dos direito humano
Carqué hora eu bato lá
Pra assuntá dos meus direitos
Se a vida é só trabalhá

Ô meu cumpadi,
Onde fica esse lugá?

Ô moço, é um tar de direito humano
Que um dia ouvi falá
Diz que eles luta
por justiça sociar
E que é na educação
Que a justiça tem que começá

Fala que nós e nossos fi têm
direito a estudá

Diz que é na escola que aprende a justiça sociar
Que é todo mundo estudando pra justiça começá
Então eu tô pensando nesses dias d'eu i lá
Diz que acha o endereço futucando o celulá

Ô meu cumpadi,
Eu também quero i lá
Pra ficá a pá da justiça sociar
Do Sul eu só levo o nome
Nada da vida miorá
Quem é analfabeto em São Paulo
É também no Ceará.

Papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos

Pitter Ráyson de Oliveira Ferreira

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração

Campus São Sebastião

O papel da educação
é formar o sujeito para atuar
de forma consciente na sociedade.

Sem perder seus valores,
mas com consciência ética
para não desvaler o que ditam as regras.

Falar de educação na formação social
é também falar em políticas de direitos.

Direitos? E que direitos?

Direitos humanos.

Para fazer jus à sociedade tão sonhada!
Onde o respeito às diferenças seja o prato do dia
Sem perder a dignidade de respirar a paz.

E perceber que só a educação nos inspira a tolerância
para viver a igualdade numa sociedade
que a desigualdade é gritante.

E é aí que entra o forte da educação,
quando, ao exercer seu papel,
criam-se as pontes eficazes
para que o cidadão
ao exercer seus deveres,
cria, para si e para os outros,
o direito à igualdade
de forma consciente e ética
Sem perder a paz tão almejada.

Qual o papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos?

Mariana Alves Araújo

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais

Campus São Sebastião

Irene, só uma menininha, cresceu em meio aos bichos da fazenda, se divertia com os potros, galinhas, porcos, ovelhas e com os patos, mas morria de medo dos gansos e das vacas leiteiras. Seus pais, Maria Firmina e Zé Carlos, trabalhavam incansavelmente para que sua filhinha pudesse ter uma infância saudável e cheia de prazer em uma fazenda, tendo contato com os animais e a natureza, afinal é legal morar em uma fazenda né?.

Porém logo a realidade iria bater à porta.

Como já é de se imaginar, a fazenda não era dos pais de Irene. Eles trabalhavam lá em troca de moradia e comida, e, na verdade, não era nada legal. Eles moravam em uma casinha com uma estrutura em fraca, um quarto, cozinha e o banheiro que ficava fora da casa, era só um espaço com uma privada e uma prateleirinha feita com um pedaço de madeira velha, a casa ficava bem afastada da fazenda e perto do riacho.

Um dia antes de Irene completar 6 anos, estavam todos muito animados pois esse ano a colheita de cenoura estava boa, então poderiam pegar um pouco a mais do que de costume, Zé tinha feito um bico fora da fazenda e conseguiu juntar um dinheirinho para comprar uma caixa de leite condensado e um pouquinho de achocolatado em pó, Maria Firmina iria fazer um bolo de cenoura com cobertura de chocolate para o grande dia de Irene. De repente, um barulho, seu Dionísio, dono da fazenda, estava batendo na porta:

- Dona Maria Firmina, Seu Zé Carlos!- Ele chamava bem alto, parecia estar aborrecido. Ao abrirem a porta, Dionísio já foi entrando e sentando em uma mesinha simples de madeira que estava na cozinha.

- Eu tive que vir aqui, porque precisava ter um dedinho de prosa com vocês. Fiquei sabendo que a menina faz aniversário amanhã. Quantos anos, Zé?

- Nossa pequenininha vai completar 6 anos.

- Zé não fazia ideia do que se tratava aquele assunto, mas sabia que, vindo do seu patrão, não era boa coisa.

- Era isso o que eu queria saber! Vim avisar pra vocês que amanhã bem cedinho, quero ela trabalhando junto com os outros. A menina já está forte o suficiente para começar o trabalho e fora que deve comer mais do que vocês.

Os pais de Irene até tentaram convencer o patrão de que ela ainda era muito nova para os trabalhos duros da casa e do campo. Mas ele ameaçou expulsá-los da fazenda caso não a levasse para trabalhar no dia seguinte. Maria e Zé ficaram desolados, mas tudo que podiam fazer era o tal bolo de cenoura e explicar à pequena Irene que ela passaria a ir trabalhar com eles.

Após longos e duros 8 anos, Irene cresceu e já não era só uma criancinha. Mas continuava trabalhando na fazenda, enquanto seus pais, mesmo já estando idosos, não tinham desistido de conseguirem bom futuro para sua filha. Sempre que sobrava um tempinho livre, Zé ia a cidade procurar alguma vaga, sim, uma vaga, em uma escola pública para a sua filha; mas, geralmente, não tinha muito sucesso pois nenhuma das poucas escolas admitia uma menina que não tinha o ensino fundamental completo.

Um dia Irene escutou seus pais cochichando e eles diziam:

- Não tem jeito Mari, não temos dinheiro para escola particular e nossa menina não sabe ler nem escrever. Já fui a todas as escolas e nenhuma aceitou.

- E se formos à procura de outras escolas da cidade vizinha? Eu sei que são 215 quilômetros de distância, mas a nossa filha não pode continuar trabalhando daquele jeito.

Ouvindo isso, Irene deu um jeito de conversar com as mocinhas que trabalhavam dentro da casa, pois elas eram as únicas que aprenderam a ler e a escrever. Negociou toda a sua comida daquele mês para que uma das moças a ensinasse a ler e a escrever.

Zé, finalmente, conseguiu ir à cidade vizinha, vestiu sua roupa de domingo, pois precisava ter boa aparência, como eles diziam “aquela cidade só tem gente fina”.

Chegando à Escola Estadual da cidade, pensou até em desistir, mas sabia que sua filha tinha direito à educação como os filhos daquela gente endinheirada. De um lado Irene lutando para aprender a ler e a escrever, sua mãe tentando disfarçar a ausência do marido nos campos e do outro lado Zé que estava na cidade tentando uma vaga na Estadual para sua filha.

Três dias tinham se passado e nada de Zé Carlos aparecer, todos já estavam dando por sua falta. Mas, na manhã seguinte do quarto dia, lá veio ele, correndo em direção à sua casa, com um monte de papelada na mão. As duas o avistaram de longe e foram correndo ao seu encontro. Finalmente, Irene iria ter direito a uma educação de verdade, bom só faltava assinar toda a papelada e contar isso para o seu Dionísio, não seria nada fácil.

Através de bocas maldosas, isso chegou aos ouvidos do patrão e aí a confusão se formou. Dionísio deixou bem claro que ela deveria escolher entre estudar e ter lugar para morar e comida. E a escolha estava feita, ela preencheria todos aqueles papéis e iria pra cidade estudar, por ela e pelos seus pais que tanto lutaram para aquilo.

Arrumaram uma casa lá na cidade, para ela trabalhar de faxineira e ter um lugar para morar durante o período dos seus estudos. Nessa casa, Irene tinha direito a uma coisa chamada “salário”, ela só entendia que ganhava um dinheiro por trabalhar lá e com esse dinheiro dava pra ela se alimentar e comprar os materiais de estudo, quando sobrava mandava para seus pais, já que ela mesma não podia mais pisar lá na fazenda.

Irene estava muito feliz de finalmente poder estudar e durante todo aquele período ela também estava aprendendo muito sobre tudo, mas o que fixou na sua mente foi o que a sua professora de histórias tinha dito:

- Turma, é importante saber que todos nós temos uma coisa chamada “Direitos Humanos”, cujo princípio é o de que todos os seres humanos têm direito de dignidade, liberdade, trabalho, educação...

Ela só conseguia pensar em seus pais, mas não tinha como ela ir sozinha tirá-los da fazenda. Então ela continuou lutando e procurou saber mais sobre os direitos que eles tinham.

Depois de anos, quando finalmente Irene estava estável financeiramente e já tinha a sua própria casa, ela voltou à fazenda e lá estavam as pessoas de quem ela tinha tanta saudade. Seu pai e sua mãe, com lágrimas nos olhos, sorriram para sua filha. Dionísio até tentou impedir que ela os levasse embora, mas Irene com toda a sua educação disse que escravidão era crime e que seus pais tinham direitos como cidadãos. Ele não pode fazer mais nada a não ser deixá-los ir. Inclusive todos que trabalhavam lá naquela fazenda passaram a ser assalariados, graças à educação que os pais de Irene tanto lutaram para que ela tivesse. A educação transformou aquela sociedade e eles puderam ter uma das maiores liberdades: a liberdade de mente.

DEMAIS TEXTOS

O papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos

Maria Júlia Lira Sousa

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Eletrônica

Campus Ceilândia

Em dezembro de 1948, a sociedade conheceu um dos documentos mais importantes da história mundial: a Declaração Universal dos Direitos Humanos, cujo conteúdo garante direito à educação - forte agente na promoção da justiça social - a todos. Entretanto, a desigualdade social impede que a população usufrua inteiramente desse direito. Com efeito, verifica-se a necessidade de se discutir não só a importância da educação como meio de transformação social, mas também a invisibilidade do tema.

Sob esse viés, em primeira análise, a importância da educação como meio de transformação social precisa ser debatida. Para Nelson Mandela, a educação é a arma mais poderosa para mudar o mundo. Nesse sentido, a educação necessita ser cada vez mais valorizada, tendo em vista que muitos jovens em situação de vulnerabilidade social, das periferias de todo o Brasil, estão sendo salvos do tráfico de drogas, da pobreza extrema e da fome, por meio de cursos de nível técnico e superior, ofertados principalmente pelas instituições públicas de ensino, como por exemplo: os Institutos Federais. Nessa perspectiva, a educação tem o papel social de trazer esperança e transformação a esses jovens, para que tenham a oportunidade de ingressarem no mercado de trabalho e alcancarem a dignidade.

Ademais, em paralelo, a invisibilidade do tema em questão é um desafio presente no problema. Para a escritora e ativista social Djamila Ribeiro, é preciso tirar essa situação da invisibilidade para que soluções sejam promovidas. Porém há um silenciamento instaurado no que diz respeito aos debates que promovam a valorização da educação, visto que a mídias sociais - meio que a maioria dos jovens buscam informações - não têm dado espaço suficiente para que o assunto seja tratado. Assim, urge tirar essa situação da invisibilidade para atuar sobre ela, como diz a pensadora.

Portanto, é urgente que medidas sejam tomadas para incentivar a valorização da educação, pois é por meio dela que a justiça social é possibilitada. Tendo isso em vista, as escolas - responsáveis pela transformação social - devem informar e promover debates sobre a importância da educação, por meio de projetos pedagógicos, como palestras. Tal iniciativa terá a finalidade de garantir que a dignidade humana prevista pelas Nações Unidas deixe de ser, em breve, uma utopia no Brasil.

Educação: caminhando com os Direitos Humanos

Maria Gabriela Barbosa Rodrigues

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Produção de Áudio e Vídeo Campus Recanto das Emas

O primeiro contato que temos com a história da educação em direitos humanos dá-se por meio da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que nos revela o porquê de serem tão necessárias essas garantias para a vida em sociedade. A partir disso, criamos nossas primeiras vivências através do saber crítico e consciente, refletindo sobre como a luta por justiça social deve ser constante. Tal contexto nos motiva a agir em sala de aula e fora desta com a mente e as atitudes de jovens protagonistas que usufruem da educação para promover a justiça social por meio da política dos Direitos Humanos.

Situações como essa nos levam a perceber que a educação é um caminho de dois lados: um que ensina e outro que aprende. Sabemos também que essas mesmas vias se cruzam, ou seja, quem aprende, por consequência, pode transmitir esse conhecimento à coletividade. Por causa disso, fica evidente que o papel da educação em difundir a cultura em direitos humanos parte do pressuposto de que a aprendizagem é mútua e a sociedade reproduz aquilo que consome. Logo, buscar desenvolver políticas democráticas de exercício da cidadania em consonância com a escola influencia positivamente a postura do cidadão contemporâneo.

No entanto, muitas vezes, isso é ignorado no momento de questionar o real papel da educação. Com base nessa questão, vale observar que a solução para problemas recorrentes como esse não deve partir apenas dos docentes, mas também dos discentes, os quais necessitam assumir a responsabilidade de dinamizar os espaços da escola e para além dos muros desta.

Cabe encarar que essa autonomia estudantil deve ser norteada pela noção de direitos humanos. Isso porque, ao entender que somos regidos por princípios que buscam garantir o reconhecimento das individualidades humanas, mas que, ao mesmo tempo, nos unem em um só, é fundamental valorizar cada ser humano em sua totalidade. Tudo isso me levou a questionar como essa realidade faz-se presente em meu contexto, enquanto estudante do IFB.

Nesse sentido, desde que conheci o Instituto em sua globalidade, encantei-me pela forma como questões sociais, semelhantes à supracitada, são pautas essenciais nas atividades pedagógicas da rede. Em essência, vê-se que a justiça social é realçada nas propostas e jornadas acadêmicas desde projetos que contemplam a diversidade racial, sexual, de gênero, entre outros grupos sociais que nem sempre ganham espaço para ir ao encontro de sua identidade durante as vivências educacionais.

Fatos como esses revelam que a Educação tem o papel de conscientizar a visão da população frente à necessidade de tornar efetivo o exercício da cidadania com vistas às liberdades fundamentais. Muito além disso, ela tem o dever de mobilizar as diversidades que compõem o nosso povo de modo igual, justo e humanizado. Somente assim, é possível viabilizar que a Educação seja o caminho de duas vias, ao tomar esta iniciativa como algo indispensável ao ambiente escolar. Com isso, se poderá garantir um mundo com mais justiça social.

Uma cultura de direitos humanos significa respeitar as diferenças

Luan Carvalho Brito

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração

Campus São Sebastião

Ao longo da minha vida presenciei vários acontecimentos, a história foi construída nas minhas veias e nos traços do meu ser, acompanhei a humanidade evoluindo e pensando em novas ideias que foram dando rumo e chegando aos dias de hoje.

Na Grécia antiga, os gregos começaram a pensar em uma forma mais coletiva. Lá foi berço da democracia, com a ideia de que o povo se governa. Também surgiram as primeiras primitivas ideias focadas nos direitos humanos, a humanidade não estava preparada. Ao perpassar um pouco pelos acontecimentos, reconheceu-se a carta magna que respeita os direitos do homem livre da Inglaterra, isso mostra um pensamento mais consolidado e mais abrangente sobre a perspectiva dos direitos humanos empregados até hoje na constituição da Inglaterra.

A revolução francesa e a independência dos Estados Unidos nos dão uma noção de qual humanidade os direitos do homem precisariam abranger: o mundo todo e não só algumas pessoas, ou as constituições de alguns países ou nações. Assim a sociedade mundial começa perceber que a liberdade de ir e vir deveria ser empregada para todos no mundo e não para cidadãos de algumas nações. Precisa de uma coisa a mais para ter esse start.

No início do século XX, ocorreu a primeira guerra mundial e a o fim dela a liga das nações foi fundada para negociar os acordos de paz entre os países perdedores e os vencedores. Estávamos andando para um diálogo internacional. Infelizmente, veio a segunda guerra mundial e com ela os horrores do holocausto nazista. Quando o mundo viu isso, surgiu a necessidade de fazer algo: assim, no final de 1945, foi fundada a ONU, que estava entrando no lugar da Liga das Nações e com ela foi criada a DUDH que era a junção de todas as ideias de direitos humanos, direitos do homem, direitos de cidadania, que abrangessem paz, liberdade e cidadania. A declaração universal dos direitos humanos foi intitulada e assinada por mais 193 países e traduzida pra mais de 500 línguas ao redor do mundo.

A educação faz um papel fundamental nesse sentido, pois ele abrange e instrui os estudantes, intelectuais e pesquisadores a continuarem proliferando a divulgação, o estudo e o desenvolvimento nessa área que é tão essencial para a dignidade, a paz e a cidadania humana. Mas esse avanço todo só se deu, pois começamos a ter uma forma de governar mais populista e homogênea, a democracia.

A democracia também é uma ferramenta que se torna fundamental nessa justiça social, pois, por meio dela, a voz do povo pode ser ouvida, os direitos humanos podem ser mantidos até que apareça alguém que queira acabar com tudo e uma nova revolução se iniciará.

A educação do ser humano em direitos humanos orienta a formação de sujeitos de direitos, defende valores e ajuda construir valores éticos e sociais, a moral e a consciência cívica. A cultura de direitos humanos significa respeitar as diferenças, lutar pela paz, igualdade e tolerância. Assim a vida segue.

DEMAIS TEXTOS

Papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos

Lorena Alves da Costa

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais

Campus São Sebastião

Bento sempre morou no interior junto com seus pais e seu bode, desde cedo teve que começar a trabalhar para ajudar seu pai com as despesas da casa. Seu pai, com toda aquela fama de carpinteiro que tinha, arrumou com facilidade um emprego para Bento e, como ele não estudava, tinha tempo de sobra para ajudar sua mãe nos afazeres da casa. Na manhã seguinte Bento levantou cedo para pegar os ovos, colocar ração para o bode e tirar leite da vaca. Assim que terminou se sentou à mesa para tomar café. Ao terminar, saiu juntamente com seu pai para conhecer o lugar onde iria trabalhar dali em diante.

Chegando lá, Bento conheceu seus patrões e eles o apresentaram a casa e ditaram quais seriam os afazeres. Bento, logo de cara, ficou angustiado com tanto trabalho, mas mudou de ideia ao lembrar que mainha ficaria triste caso ele se demitisse no primeiro dia de trabalho. Então, ele se dispôs a trabalhar para aqueles senhores. No início, as tarefas eram leves; mas, com o tempo, as tarefas foram ficando mais desgastantes e Bento não tinha aumento. Foi aí que todo o desastre começou: Bento reclamou pela quantidade de dinheiro que estava recebendo. Seus patrões disseram que eles podiam entrar em um acordo, eles davam o aumento se Bento comesse a fazer as tarefas com mais capricho, porque, segundo eles, ele era preguiçoso e com isso as coisas eram feitas com desleixo.

Mesmo se decepcionando com o que seu patrão havia dito, ele continuou trabalhando para aquela família por um bom tempo, até que um dia Bento decidiu se mudar para a cidade, porque lá ele teria mais oportunidade para trabalhar. Assim que pediu sua demissão, foi para sua casa fazer as malas para a mudança. Seus pais o ajudaram e estavam conformados de que aquela decisão seria a melhor a ser tomada. Mesmo entusiasmado com a mudança, Bento também tinha medo, porque, se viesse a acontecer algo, seus pais não iam poder te defender.

Chegando à cidade grande, Bento ficou pasmo ao ver todas aquelas pessoas bem vestidas, as lojas, as paradas de ônibus e até mesmo o orelhão, pois, no interior, não tinha toda essa mordomia. Depois de passar horas olhando para cada detalhe da cidade, ele decidiu ir para casa da sua prima Lene que já era uma senhora de idade. Ao chegar à casa da prima, os filhos de Lene o mostraram onde era seu quarto e passaram a noite tentando ensinar Bento a usar o computador e procurando uma escola onde ele poderia terminar o ensino médio.

Ao amanhecer, os meninos fizeram a mesa e enquanto comiam escutaram uma notificação vindo direto do computador e foram correndo para ver de quem poderia ser. Era de uma escola famosa na região e, no e-mail, dizia que eles aceitariam a matrícula do rapaz na escola e que ele poderia ingressar na segunda.

Assim que terminaram de ler, Bento quase se engasgou com o pão de tão incrédulo que estava naquele momento. Terminando de comer todos se arrumaram para ir à papelaria comprar os materiais. Depois das compras, Bento começou a andar pela casa em círculos treinando o que iria falar na sua apresentação para a turma. Os meninos, vendo aquela cena, começaram a rir e acalmaram Bento dizendo que não precisava de tudo aquilo e que era só ser ele mesmo que tudo acabaria bem.

Já na escola, Bento saiu à procura de alguém que pudesse lhe apresentar a escola e acabou esbarrando em uma garota que também estava perdida. E os dois decidiram juntos ir procurar a secretaria e chegar à sala antes de bater o sinal. Conseguiram achar a secretaria e perguntaram para a dona Mônica onde ficava a sala 23. Ela os mostrou a direção e eles foram à procura. Assim que encontraram, eles entraram na sala e perceberam que alguns colegas estavam se apresentando. A professora os convidou para entrar e Bento lembrou do dia em que passou a noite pensando nesse dia. Na sua vez, ele contou que, antes, morava no interior com seus pais e seus animais e que, de um tempo pra cá, tinha decidido se mudar para ter um futuro melhor.

Depois das apresentações e de saber quem seriam seus professores, Bento ficou muito animado já pensando em como seriam os outros dias na escola. Dois anos se passaram e Bento se formou. Agora ele ia ter que começar a estudar para passar em uma faculdade pública, pois não tinha condições de pagar uma particular. No começo, ele teve muita dificuldade para decidir o que queria cursar e, com toda aquela ambição e uma tremenda vontade de conseguir mudar o futuro de seus pais, Bento se tornou um engenheiro.

Mesmo sem entender do que se tratava, começou a ir fundo e pesquisar tudo sobre o assunto, para que, na prova, ele atingisse a nota máxima e tivesse a oportunidade de entrar para a faculdade. Conseguiu. Ao terminar a faculdade, conseguiu um emprego e foi aí que tudo veio à tona, Bento se lembrou de todas as atrocidades que passou enquanto trabalhava para seus patrões no interior e agora já formado, concursado e trabalhando, teve a consciência de que ele não tinha conhecimento algum sobre os direitos humanos.

Com os estudos e a formação de Bento já adulto, ele pode ter entendimento sobre o assunto e viu que os trabalhadores tinham direito à carteira assinada, ao décimo terceiro, a férias remuneradas e a horário de almoço. Agora ele pode abrir os olhos de seus pais e dos outros moradores do interior e orientá-los para lutar pelos seus direitos. Muitos não sabem quais são os seus direitos e como ele pode ser usado.

A Educação como meio de refrear a desigualdade social

Larissa Manes Gomes

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Eventos

Campus Brasília

Os direitos humanos revelaram-se fruto histórico do movimento iluminista do século XVIII, que tinha como base a igualdade jurídica. Primordialmente, conforme o Artigo 1º dos direitos humanos “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.” A declaração tem, como principal entendimento, a liberdade e a igualdade moral e de direitos. Apesar disso, a realidade brasileira é dissemelhante dessa prevista pela lei.

Segundo estudo feito por Júlia Bezerra, professora e historiadora, “embora o Brasil esteja entre os dez países com o PIB mais alto, é o oitavo país com o maior índice de desigualdade social e econômica do mundo”. Essa desigualdade é decorrente da má distribuição de renda, que, de acordo com IBGE, “dos 13,5 milhões vivendo em extrema pobreza, 75% são pretos ou pardos”. Isso revela que a população preta e parda é a mais suscetível às mazelas sociais, como miséria, desnutrição, marginalização, entre outras.

Visando às desigualdades geradas pelo mercado e pelas diferenças sociais, estudiosos propõem soluções para o problema. Entre elas está a justiça social, pois tem como fundamento garantir acesso igual aos direitos previstos em lei, dessa forma, buscando amenizar a desigualdade social. Esta, por sua vez, também está dominada por comportamentos humanos, já que as desigualdades também fazem parte da interação entre as pessoas, o que faz surgir novos padrões, tornando determinantes às posições atribuídas a cada ser humano.

Levando em conta a causa precedente, a Educação torna-se essencial para realização da justiça social, pois, a partir dela, atua-se na democratização das relações dos indivíduos, uma vez que se lida, diretamente, com o público causador da discriminação. Posto isto, a configuração acadêmica também tem como pretexto a adoção de projetos pedagógicos, a fim de desconstruir a estrutura da diferença e de trabalhar a equidade e os valores sociais.

É evidente que a Educação é um instrumento importante de contribuição para ceifar a desigualdade social no Brasil. Entretanto, é crucial o bom desenvolvimento da democracia para que todos os cidadãos tenham acesso aos direitos sociais. Assim é possível a realização da justiça social e dos direitos humanos.

Direitos Humanos na Escola

James Carneiro de Azevedo

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração

Campus São Sebastião

Direitos humanos uma criação importante para a humanidade

Uma criação que parou várias efemeridades.

O que podemos falar deles na escola

Uma expressão tão importante na história.

Direito é vida, direito é liberdade, direito à nacionalidade.

Uma liberdade que traz conforto ao estudante

Pessoas essas muito importantes.

Direito é respeito, direito é religião

Coisas essas que traz União

União forma paz a todos que sigam é eficaz.

Paz e liberdade ao estudante

Para que eles tenham um futuro brilhante

Justiça social com educação

Isabel Cristina Rodrigues Alves de Oliveira

Especialização em Docência para Educação Profissional e Tecnológica

Campus Brasília

Justiça social como missão articulada
com a equidade que faz emergir a paridade,
Unificada com educação para promoção da igualdade desejada
Solidariedade e benignidade para organizada sociedade,
Totalidade dos direitos humanos almejada.
Intrépidos cidadãos conscientes
responsáveis de seus deveres e direitos,
Conjunção de educação e solidariedade para transformação,
A conscientização política para bem-estar social refeitos,
Sincronização transformadora educação em ação.
O Estado para garantir
o exercício dos direitos sociais e da liberdade,
Com normas, programas e estratégias para boa convivência,
Indubitável essência materializada na integridade,
Abrangente Direito como referência.
Legitimação dos
Direitos Humanos na
Justiça Social com
a Educação

Papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos.

Ingrid Carolina Silva Lima

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração

Campus São Sebastião

Respeito nas escolas
Todo dia alguém se sente inferior
Diariamente alguém se suicida
Todo dia alguém salva alguém
Diariamente pessoas conseguem se reerguer
Pessoas vão à escola, mas se sentem respeitadas?
Por diversos motivos, eu diria que não.
Algumas escolas ajudam, já outras...
É uma questão que deveria ser tratada como primordial.
Afinal, por que acolher?
Por que essa necessidade de inclusão?
Somos seres humanos, convivemos uns com os outros
O acolhimento é necessário e, por lei, obrigatório.
Alunos vão à escola para aprender
e saem de lá com mais que conhecimento
com a ideia de respeito ao próximo
por meio da empatia e sensibilidade
A vontade de permanecer em uma instituição de ensino é rara
Pessoas desistiram e irão desistir
de concluir sua vida acadêmica
Mas, se esse processo de aprendizagem é facilitado,
sobrará disposição
O respeito é primordial
Esforços, manifestações não deveriam existir em alguns casos
Sonhamos com a sensação de acreditar no governo.
É lindo quando a justiça de um país cumpre seu papel
pessoas livres, respeitadas e honradas é minha única súplica

Para falar dos direitos humanos

Grazielle da Silva de Almeida

Licenciatura em Letras (Língua Espanhola)

Campus Ceilândia

Para falar dos direitos humanos
Precisamos nos conscientizar
O respeito é importante
Principalmente no ambiente escolar

A educação vem de casa
Devemos sempre acreditar
Mas se faltar alguma coisa
A escola deve ensinar

Mostrar que a escola é justa
Que todos devemos respeitar
Colegas, professores e amigos
Ninguém devemos maltratar

Não importa a opinião política
Nem a idade escolar
Sua religião, cor ou raça
Nada disso devemos julgar

Respeito e amor ao próximo
É a melhor maneira de educar
É uma missão importante
Então todos devem ajudar

DUDH art.15

Giovana Eny Jhenyffer Lima de Freitas

Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração

Campus São Sebastião

Brasil, nasci em um país tropical
cercado por natureza, praias,
uma grande Amazônia relata de vida,
Sou brasileira,
tenho na minha certidão e tenho orgulho de pertencer ao meu país,
tenho um lugar para dizer de onde sou.
Mas e se eu não tivesse direito de ter uma nacionalidade?
Se fosse largada como uma qualquer
sem um país de origem prontamente registrado de forma legalizada?
Poderia ser
também uma polipátrida,
e não teria direito de ser reconhecida como tal.

Pode parecer óbvio
mas nunca soube dessa lei,
sequer sabia que alguém poderia ser impedido
de ter uma nacionalidade.
Em uma aula no ifb,
um professor de Direito apresentou para a turma
os artigos da dudh.

Coisas que não sabíamos foram apresentadas para nós leis,
porque a terra não é um lugar sem lei,
todos nós temos direito de ir e vir,
sermos reconhecidos como iguais,
todos nós somos livres perante a lei,
a educação tem o grande papel de deixar claro
que nós não devemos aceitar
nenhum tipo de discriminação ou de tortura.

Menino do Interior

Ketelly kauanny Jesus da Silva

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais

Campus São Sebastião

Em um sítio não muito distante da capital de Rosário, Maranhão morava uma família bem carente em questões econômicas. Era uma mãe com seus 12 filhos, alguns pequenos e que necessitavam muito de seus cuidados; outros mais grandes na idade de ir para escola. Ela se chamava Bernarda e o pai das crianças Domingos. Eles tinham uma vida sofrida, porque ela engravidou cedo e não trabalhava, a não ser fazendo favor para os vizinhos para ganhar algo em troca que ajudasse dentro de casa. Seu marido trabalhava em Brasília, que era bem distante de lá, à procura de uma vida melhor para eles .

Seu filho mais velho tinha um aspecto físico um pouco curioso: era grande, muito magro, e bem corcunda. Ele ajudava muito sua mãe em casa e faltava muito à escola. Bernarda nunca desconfiou e nem quis saber porque ele evitava tanto a escola enquanto os seus irmãos amavam ir, mesmo que fosse andando quilômetros até chegar lá.

Em um certo dia, depois de repartir o pouco de farinha com água e peixe seco que tinha entre seus filhos, Bernarda colocou os filhos no banho. Quando terminaram de se arrumar, ela os mandou para a escola. Chegando lá, cinco de seus filhos de chinelo, roupas velhas já usadas, entraram para aula - cada um em suas salas, pois eles tinham idades diferentes. O mais velho, chamado Ribamar, começou novamente a ser caçoado por um grupinho de seus colegas, que sempre falava de seus chinelos velhos e encardidos e das suas roupas velhas, do seu jeito físico. Ele não contava para ninguém, sempre guardava para si mesmo, às vezes chorava mas sabia que sua mãe dava tudo que podia para eles e até deixava de comer para dá o necessário para os filhos.

No dia seguinte, os colegas dele voltaram a repetir as brincadeiras e as piadas de mau gosto. Mas, dessa vez, a professora viu e chamou atenção deles, explicou o tanto que isso é errado, que as pessoas são diferentes, que todos precisam de respeito e que todos têm seus direitos como seres humanos. Deixou-os de castigo, o que fez com que eles aprendessem que as diferenças existem entre todos, e que todos merecem respeito, independente de cor, raça, ou até mesmo de questões financeiras

O tempo foi passando, ele foi ficando mais velho, teve seus filhos e sempre ensinou a eles que todos têm direitos iguais independente de suas individualidades.

A escola tem um papel fundamental na promoção da justiça social a partir da política dos direitos humanos, a partir de atividades, aulas e conversas sobre sobre o assunto. A rede de ensino ajuda a todos nós sermos bons cidadãos.

DEMAIS TEXTOS

Papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos

Isabel Cristina Rodrigues Alves de Oliveira

Especialização em Docência para Educação Profissional e Tecnológica

Campus Brasília

A educação, a justiça social e os direitos humanos estão interligados no que tange à boa convivência como sociedade organizada. A educação é uma ferramenta necessária para promoção da justiça social. Do mesmo modo é valioso considerar a justiça social como direitos e deveres abrangentes a todas as pessoas; e os direitos humanos como normas que reconhecem e protegem a dignidade da pessoa humana.

Um dos pilares fundamentais para a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres é a educação. Educar é conscientizar as pessoas dos seus direitos e deveres. Essa conscientização promove a transformação necessária para o bem-estar social. Em relação à formação humana e cidadã, o conhecimento deve estar articulado com a prática social, pois a manifestação da realidade social está inserida na organicidade e na complexidade humana em sua própria humanização, com o propósito direcionado à construção de uma sociedade justa e solidária.

Ademais, a justiça social é uma missão associada com a equidade que faz emergir a paridade. A educação promove esse movimento de prática social e conscientização, de entendimento para convivência como sociedade organizada. É importante o estudo sistematizado sobre justiça social e sobre direitos humanos vinculados com o contexto social do indivíduo, pois todos têm deveres para com a sua comunidade, bem como direitos garantidos por lei. A justiça social é, inclusive, um dever social que promove a igualdade. Para além disso, a bondade e a compaixão são elementos primordiais da essência humana que se materializam na equidade, na redução da desigualdade, na atenção das pessoas em situação de vulnerabilidade, bem como no combate à violência e à opressão.

Não se limitando apenas como responsabilidade da educação, a prevalência dos direitos humanos e a dignidade da pessoa humana estão estabelecidas na Constituição Brasileira, contudo é necessário muito mais que leis e normas. A administração pública, como gestora das políticas públicas, tem o dever de garantir o exercício dos direitos como também o ônus de verificar e resolver os desafios da sociedade por meio de programas, estratégias que impactam a vida do cidadão. As políticas públicas, com função social e os desdobramento dos direitos humanos, minimizam e, quando possível, erradicam os danos da injustiça social. A partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a compreensão de melhores condições de vida e os direitos básicos se tornam imprescindíveis para todos.

Portanto, no ciclo virtuoso, justiça social e direitos humanos, a educação é indispensável para a formação, a conscientização e a transformação para a prática social, do mesmo modo a justiça social, como dever e direito, deve ser apreendida pelo cidadão, assim como garantida pelo Estado. Os direitos humanos é o referencial de normas e leis que promulga a dignidade de todos os seres humanos.

Qual o papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos?

Hemanuely Dias Alves

Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração

Campus São Sebastião

O dever da educação seria garantir os direitos promovidos pelas constituições e garantir todo o acesso e acessibilidade dos termos ditos. A educação auxilia no acesso que os cidadãos podem e deveriam ter, iguala e promove o desenvolvimento de uma sociedade justa, onde todos possam ter os mesmos direitos. Pode-se falar sobre as leis das constituições do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e DUDH (Declaração Universal dos Direitos Humanos) como referências da política dos Direitos Humanos.

Enfrentamos, atualmente, uma educação fragilizada, sem a valorização salarial aos servidores da educação, com a falta de qualidade do estudante, os desinteresses, a baixa remuneração, a infraestrutura, a falta de investimento... Como será o futuro dos meus filhos(as)? Poderei dar a eles uma jornada acadêmica com boas condições? O que todo pai e mãe desejam é a segurança e a garantia de um bom ambiente para os filhos.

Mas a desigualdade está longe de ter um fim. Certo dia, estava na semana de greve dos professores e servidores, que tratavam do reajuste salarial, como estudante, eu não dava muita importância em saber, é claro, eu não conseguia olhar de fora para a situação e muito menos entender as consequências daquela luta. Uma professora minha apareceu comentando sobre a situação, muito revoltada ela dizia:

- "...precisamos lutar pelos nossos direitos, isso que fazem com a gente não é justo, não podem nos calar, temos uma vida como profissional e uma vida fora daqui..."

Eu jamais iria entender aquela greve, que para mim parecia uma algazarra; mas tudo que acontece em nosso entorno revela uma consequência afetiva a todos. Se passou uma semana sem aulas normais, cansada daquela situação, não me movia, não comentava e nem queria saber do assunto. Até que percebi que, se eu desse a voz pelos meus professores, eu conseguiria interpretar a situação melhor e levar essa informação além, para que outras pessoas como eu pudessem entender também.

Pensava que "se o dever da educação era mover para desenvolver o conhecimento, dar as oportunidades necessárias e obter objetivos básicos como: investir na educação para que o cidadão alcance e exerça a devida qualificação para o mercado de trabalho", eu também seria afetada de tal forma e não podia olhar só para minha ferida, deveria entender que a situação abrangia diversos fatores e que, como estudante, não ficaria para trás.

Depois desses dias conturbados, as aulas voltaram, alguns professores cederam e outros não, mas aprendi nessa situação que, sem a educação, não se espera que a cultura e a sociedade tenham um bom desempenho e bons fundamentos. E que, infelizmente, as condições socioeconômicas continuam influenciando esses pontos negativos da educação, o dever do Estado é promover o direito e a qualificação a todos, mas esse papel não é cumprido igualmente, nem para os professores e servidores, nem para os estudantes.

Estou promovida a sofrer todas as consequências que vierem desse acontecimento. Conhecer os meus direitos e lutar por eles vale mais do que só observar a situação de fora. Lutamos por uma educação melhor!

Dizem que todos são iguais

Grazielle da Silva de Almeida

Licenciatura em Letras (Língua Espanhola)

Campus Ceilândia

Dizem que todos são iguais, mas isso não é bem verdade, existe grande diferença de cor, religião e idade. O importante nisso tudo é sabermos respeitar os direitos de cada um de ir, vir e falar. Se existe algum preconceito, não devemos nos calar, pois, se ficarmos calados, estamos a compactuar. Devemos lutar por direitos iguais sem ninguém maltratar, na escola que aprendemos a lidar com as diferenças.

Educação vem de casa isso não podemos negar; mas, na ausência de respeito, a escola deve ensinar que preconceito não ajuda, é necessário explicar que os direitos humanos existem para nos amparar. Não importa sua opção religiosa, dificuldade de falar, sua cor, sua orientação sexual, sua raça ou com quem vai namorar.

Por mais que a vida seja sua, uma coisa venho falar: existem direitos humanos para te amparar. Não fique calado, lute para a justiça mudar, aproveite que existem leis e não se cale em nenhum lugar.

Você é mais forte do que pensa, não desista de lutar, sua voz é poderosa e pode ajudar muita gente.

Os direitos humanos existem para nos ensinar, que a exclusão de pessoas não podemos aceitar

Cadê o meu direito de educação?

Emilly Keit Mendonça Madeira

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais

Campus São Sebastião

Criança sentada no chão chorando.
Cadê o meu direito de educação?
Por estudo eu anseio, não tenho medo.
Porque não foi para escola?
Mas que escola?
Não tenho como ir.
Criança entra no ônibus sozinha.
Diz que não tem onde dormir.
Só queria ir para escola.
Mas para escola não tenho como ir.
Tia, estou com fome.
Me ajuda!
Procurei ajuda, mas ajuda eu não encontrei.
Fora da escola, eu peço esmola.
Dias frios e ventos fortes me cobrem com mágoas
Nos bancos de praça, no relento eu dormi...
Cadê meu direito de sorrir?
Me ofereceram um trago
Me ofereceram comida
Me acolheram
Eu queria estudar, eu queria ser como eles.
O vizinho do lado com um carro preto,
uma casa amarela e um jardim encantado.
Mas me ofereceram dinheiro fácil, em troca de umas voltas.
Uns pacotes bem embalados e, claro, eu não podia ver
Mais uma vez o menino de rua largado, no chão sozinho abandonado.
Esse é um ladrãozinho: foi o que me falaram.

Todo mundo mentiu

Bernardo Augusto Vaz Lacerda

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais

Campus São Sebastião

Arthur vivia em um condomínio da zona sul, acordara mais um dia pronto para ir para a escola. Havia estudado bastante para sua apresentação de história, ele era inteligente para um garoto de 9 anos.

Chegando à escola, após apresentar, Arthur assistiu uma apresentação que julgou péssima, era a apresentação de seu colega Pedro. Quando viu Pedro gaguejar e ficar em silêncio diversas vezes, julgou que seu colega não havia estudado e que não tinha compromisso com a escola.

Mais tarde Arthur questionaria seu colega, até porque, não é justo que enquanto alguns se esforcem, outros não tenham o mínimo de compromisso.

No mesmo dia no fim da aula, Arthur seguiu Pedro para dar sermão. Depois de alguns minutos seguindo seu colega, Arthur se deparou com Pedro sentado na parada de ônibus.

- Oi Pedro, você pega ônibus sozinho para ir pra casa? Por que sua mãe não te busca na escola? - disse Arthur.

- Pego. Minha mãe não tem carro, também não tem tempo de me buscar, respondeu Pedro.

Após conversarem por alguns minutos, Pedro convidou Arthur para brincar em sua casa no fim de semana.

Chegado o fim de semana, Arthur foi de carro com sua mãe até a casa de Pedro, e quando passava pela cidade onde Pedro morava, reparava no quão sujo, desorganizado, pobre era aquele bairro. Quando entrou na casa de Pedro, reparou que as condições em que sua família vivia eram precárias, quando viu que Pedro usava até papel de sacos de pão para anotar as coisas da escola, Arthur se lembrou de quando estudou para sua apresentação, se lembrou de ter sua própria biblioteca em casa, acesso a internet, e pais que poderiam providenciar o melhor conteúdo para ele estudar. Lembrou-se também que julgou o seu colega como alguém que não tinha compromisso com a escola.

Ninguém havia contado a Arthur que a diferença na qualidade de vida das pessoas poderia influenciar em seus estudos; mas, a partir daquele dia, Arthur ajudou seu novo amigo Pedro.

O papel da educação na promoção da justiça social

Arthur Sabóia Feitosa

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Informática

Campus Brasília

O papel da educação na promoção da justiça social chega desde ensinamentos dos direitos civis, passando pela historicidade da humanidade até a convivência dos alunos no ambiente escolar, com o objetivo de desenvolver um cidadão mais tolerante e crítico.

Na escola, a partir das disciplinas de Filosofia e Sociologia, os alunos são introduzidos aos direitos civis, sobre a trajetória e sua importância. Assim eles acabam debatendo sobre seus direitos e deveres, o que os tornam cidadãos defensores da justiça social.

Já as disciplinas de História e Geografia também promovem isso aos discentes. Com a História do Brasil e da humanidade, podem ser percebidos os grandes eventos que evoluíram para os direitos humanos, a República Velha e a Constituição de 1988 são bons exemplos disso, as pessoas negras eram excluídas da sociedade, as mulheres e os analfabetos não tinham direito a voto e as leis eram desrespeitadas e ridicularizadas pela oligarquia. Era diferente da nova Constituição, na qual todo cidadão tem direito à saúde, à educação, justiça, ao trabalho, à manifestação cultural e ao voto, sem discriminação de cor, religião ou gênero.

Segundo Jean Piaget: “a segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a eles se propõe”, com isso, a convivência, no ambiente escolar, também torna os estudantes pessoas críticas a ponto de quebrar ideias do passado e construir um mundo ainda mais tolerante, respeitoso e fraterno, pois a interação com pessoas diferentes proporciona isso, principalmente no ambiente escolar.

Assim, o maior papel da educação é promover a justiça social porque ela ensina ao aluno a sempre se superar, a se tornar um grande defensor dos direitos e a sempre melhorar a justiça social numa sociedade mais tolerante e crítica

DEMAIS TEXTOS

Papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos

Antônio José da Rocha Neto

Licenciatura em Biologia

Campus Planaltina

A educação tem um papel crucial na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos. Ela é uma ferramenta poderosa para sensibilizar as pessoas sobre a importância da igualdade, da liberdade e da solidariedade, além de ser essencial para o desenvolvimento de habilidades e valores que permitem a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Ao promover o conhecimento sobre Direitos Humanos, a educação fomenta o respeito à diversidade cultural e ao direito à livre expressão, contribuindo para o fortalecimento da democracia. Além disso, a educação é fundamental para a sensibilização sobre questões sociais, como o racismo, a discriminação de gênero e a pobreza, que são obstáculos para a construção de uma sociedade mais justa.

A educação também desempenha um papel importante na formação de cidadãos conscientes e comprometidos com a defesa dos Direitos Humanos. Isso inclui a sensibilização sobre a importância do acesso à justiça, da participação política e da defesa dos direitos coletivos.

Além disso, a educação também é importante para a formação de cidadãos conscientes e ativos. Ela ensina as pessoas a exercerem sua cidadania de forma responsável, a defenderem seus direitos e a lutarem por aqueles que estão sendo negados. Isso inclui a participação nas eleições, no envolvimento em questões políticas e na união de grupos de defesa dos Direitos Humanos.

Por fim, é importante destacar que a educação é uma ferramenta fundamental para a mudança social, pois ajuda a promover a igualdade de oportunidades e a construção de relações mais justas e solidárias entre as pessoas. Em suma, a educação é fundamental para a promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Educar para a justiça social ou deseducar para a ganância?

Ana Raquel de Mesquita Garcia

Licenciatura em Dança

Campus Brasília

Século XXI. Ano 2023. Uma mulher e seus três filhos são incinerados dentro de um carro no Distrito Federal. Manifestações antidemocráticas destroem instalações dos três poderes em Brasília com a conivência do Serviço de Segurança Pública. Um homossexual é agredido a pauladas com um cabo de vassoura na Rodoviária de Brasília. Pesquisadores bolsistas das melhores universidades do país estão sem condições de fazer três refeições por dia. Uma tragédia de segurança alimentar acomete os Yanomami em Roraima: “Não estamos conseguindo contar os corpos”, diz a reportagem produzida na Amazônia mostrando a tragédia silenciosa no norte do país detentor da maior biodiversidade do planeta. O século é o XXI. A espécie humana ainda não é capaz de compreender o que são os Direitos Humanos.

O entendimento cognitivo e orgânico do significado dos Direitos Humanos passa pelo desenvolvimento de uma outra natureza de percepção humana conhecida como “empatia”.

Empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro e de sentir a dor do outro. Diversas tragédias marcam a história da humanidade e a violência não é nenhuma novidade em nossa trajetória. Mas algumas tragédias humanitárias de grandes proporções comoveram o mundo após a Segunda Guerra Mundial e fizeram com que a Organização das Nações Unidas se reunisse em Paris para redigir um código de conduta moral assinado por 48 países em 1948. Mesmo com os atuais 193 países signatários da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a empatia ainda não é universal. Parece que esse entendimento deve ser anterior ao dos Direitos Humanos, já que o respeito pelo direito de existir do outro ainda não é a regra.

A educação é o meio pelo qual a empatia pode ser aprendida e disseminada. Crianças ricas ou pobres podem aprender sobre empatia e sobre o respeito à diversidade humana. Educar crianças é povoar o mundo com adultos solidários. No entanto, a educação sozinha não faz justiça social. Porque o motor da violência humana foi construído nas fábricas da desigualdade. Foi baseado na exploração e na precarização da força de trabalho da maioria. Enquanto uns poucos privilegiados não tiverem sua lógica de poder desconstruída, a violência continuará implacável, envergonhando as gerações futuras. Porque sentir fome dá raiva, não ter moradia dá raiva, não ter acesso à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer dá raiva. Educar para a justiça social sem concessões de privilégios? Sem condições dignas de vida a todos? Sem reconhecimento do direito de existir de todos? Sucesso improvável. Quando a própria vida de uma pessoa não tem mais valor, quando todas as portas das oportunidades se fecham, quando não há mais comida na mesa, quando necessidades básicas não são atendidas, quando não há mais o que perder, dificilmente haverá respeito pela vida do outro. E a empatia não fará o menor sentido.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos é composta por 30 artigos que, resumidamente, explicitam que homens primitivos, em um jardim de infância não devem maltratar, torturar ou matar seus coleguinhas por eles serem diferente ou por quaisquer outras razões. Todo tipo de ser humano, com diferentes aparências, credos, cores, cabelos, andares, gêneros, sorrisos, olhares, classes sociais, jeitos e trejeitos devem ser respeitados em sua integridade física, psíquica, emocional e moral. Todos têm direito à vida. Todos devem respeitar a vida. Não podemos oprimir, maltratar, torturar, bater, agredir ou ofender nenhum outro ser humano. A educação tem poder para consolidar esses valores. A educação pode revolucionar todo um sistema de crenças para que o caminho da justiça social seja trilhado. Mas sozinha, sem as concessões dos poderosos e sem a deseducação para o poder infindo, ela se traduz em um capital social formado por almas valentes, sonhadoras e solidárias num mar de ganância, desprezo e egoísmo. O entendimento essencial do teor dos Direitos Humanos passa pela compreensão da empatia, que necessariamente passa pela educação. Mas a justiça social será realidade apenas quando os detentores do poder resolverem ser deseducados para a ganância.

Broklenay

Ana Flávia de Mesquita Almeida

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais

Campus São Sebastião

Em um planeta chamado Broklenay habitava os Acoleguns, uma raça de alienígenas. Em Broklenay, os Acoleguns estavam divididos em duas classes sociais distintas: os Acos e os Leguns. Os Acos eram os mais ricos e poderosos, enquanto os Leguns eram os mais pobres e oprimidos.

A desigualdade entre as duas classes era gritante. Os Acos viviam em residências, usufruíam dos melhores recursos e tecnologias e tinham acesso à educação e à saúde de qualidade. Já os Leguns viviam em condições precárias, lutando diariamente para sobreviver e cuidar dos direitos básicos.

A situação dos Leguns era ainda piorada pela opressão dos Acos, que os tratavam com desprezo e violência. Muitos Leguns foram escravizados e obrigados a trabalhar sem integração, enquanto outros foram perseguidos e encarcerados por seus ideais políticos.

A desigualdade entre os Acoleguns era uma fonte constante de tensão e conflito na sociedade de Broklenay. Muitos Leguns lutavam pela igualdade e justiça, mas eram enfrentados com força pelos Acos, que se recusavam a abrir mão do poder e privilégios que detinham.

Enquanto isso, a sociedade de Broklenay continuava a se desintegrar, com a pobreza e a opressão levando a violência e desespero. Era uma triste realidade para os Acoleguns, e uma constante marca de como a desigualdade podia destruir uma sociedade inteira. Com o passar do tempo, a desigualdade entre os Acos e Leguns de Broklenay só piorava. A situação dos Leguns era cada vez mais desesperadora, com a falta de recursos básicos, educação e saúde de qualidade e a constante opressão dos Acos. Muitos Leguns foram forçados a trabalhar em condições perigosas e insalubres, enquanto outros lutavam para sobreviver na rua.

A opressão dos Acos também se estendia ao sistema político de Broklenay, onde os Leguns eram completamente excluídos do poder e da tomada de decisão. Os Acos controlavam as instituições do Estado e usavam seu poder para manter sua posição privilegiada, enquanto os Leguns eram ignorados e marginalizados. A desigualdade também se refletia na economia de Broklenay, onde os Acos eram os únicos beneficiários do crescimento econômico, enquanto os Leguns eram deixados para trás. A pobreza e a falta de oportunidades para os Leguns levaram a uma crescente desesperança e desemprego.

A situação começou a mudar quando um grupo de líderes Leguns começou a se unir e lutar pela igualdade e justiça social. Eles acompanharam as manifestações e campanhas de conscientização, chamando atenção para as condições desumanas das Leguns e as mudanças comportamentais eclodiram. A luta dos Leguns começou a ter sucesso quando a opinião pública começou a se voltar contra a desigualdade e a opressão dos Acos.

Os Acos sofreram a pressão para mudar suas políticas e a trabalhar para a igualdade e justiça social.

A desigualdade ainda é um problema em Broklenay, mas a luta dos Leguns tem mostrado que é possível mudar as coisas para melhor. Eles continuam lutando pelos direitos dos Leguns e pela igualdade para todos os Acoleguns

O homem mais forte defende os outros

Dowglas Candido da Silva

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais

Campus São Sebastião

É uma educação muito valiosa
Merecemos um pingo de dignidade
O mínimo é dar reputação para
Aqueles que merecem
Todos devem ser prestigiados.

As escolas precisam ensinar ética
para os seus alunos
Mostrar as culturas, diferenças que cada ser na terra tem
Isso são direitos humanos
É necessário fazer isso para que tenhamos paz na sociedade
Uma sociedade madura

Ninguém é indigente, todos somos seres
Independente da nossa cor, condição, raça, cultura
A sociedade precisa aprender acatar.

Direitos humanos são sim necessários
Necessários para pôr limites naqueles que abusam do poder
Necessários para punir aquele que não respeitam o próximo
Necessários para valorizar o ser humano
Necessários para mostrar que se deve respeitar um ao outro.

Fortalecer esse movimento é importante
Importante para dar apoio àqueles que defendem os mais fracos
São necessárias pessoas capazes de defender
Sujeitos de direito são importantes
Importantes representantes
Pois eles representam o povo
O povo brasileiro
Sem esperança
Angustiado
Fraco.

Que antes não tinha voz mas hoje é
Defendido para não ser exaltado
Porque hoje as pessoas têm voz
Voz para gritar e pedir socorro
Pedir justiça
Liberdade
Democracia
Paz.

As escolas são sim importantes para ensinar
Aos mais novos a importância que cada ser Humano
Tem na terra
Dar apoio àqueles que querem seguir na área
Incentivar os alunos a defenderem
o povo mais Fraco
Porque, como eles, não existem, na face da terra,
Pessoas com tanta coragem e força
O homem mais forte defende os outros.

Qual é o papel da educação?

David Aguiar de Oliveira Ribeiro

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Desenvolvimento de Sistemas Educacionais

Campus São Sebastião

Qual é o papel da educação?

Onde estão os direitos humanos?

Contribuindo na proteção e na defesa dos direitos humanos

Defendendo uma reforma tributária justa e solidária

Respeitando as diferenças, lutando pela paz

Lutando pela tolerância e pela igualdade

Promovendo políticas e investimentos públicos

Desafiando a lógica, mas não a fé do ser humano

Sendo um marco, onde já foi negado e oprimido

Tentando buscar com qualidade e dignidade o direito dos seres humanos

Ao invés de ser teórico, colocando em prática esses conceitos

Investindo em uma educação formal

E no desenvolvimento da cultura no meio social

Que esse papel seja cumprido

Direito à transformação

Camila Lima Bezerra

Licenciatura em Pedagogia

Campus São Sebastião

A educação em questão é conhecida desigual
Busca a inclusão, seja ela de cor, classe
Ou da turma dita especial
A educação que perpassa o sujeito
Em sua luta por um direito
Conhecido na legislação como senso social

Que direitos são esses?
Todo humano é igual?
Ou estamos sendo educados

Para sermos comparados com valor material?

Em muitas placas eu vejo
Propagandas reproduzindo o efeito
Do dualismo educacional

Direitos todos temos e o importante é persistir
Valorizar a educação e a mudança que há por vir

A desigualdade é imensidão

Mas, na escola, tento ver um horizonte de inclusão

O conhecimento é uma arma
Não aquela que atira, mas aquela que afirma
Que através da educação podemos todos ter acesso
Aos Direitos em questão
Sim, todos nós somos humanos

E precisamos aprender que a escola é uma forma
Não apenas de ler ou escrever
Mas sim de formação

A formação integral que garante ao ser humano
Construir um futuro diferente desse atual

Importância dos direitos humanos na sociedade

Bruno Rodrigues Campos

Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração

Campus São Sebastião

Direitos humanos
Direito à vida
Direito à liberdade
Direito de ser o que quiser ser

Mas o que o ser humano quer ser?
Ser livre, ser julgado justamente
Poder ser alguém com direitos
Direito à educação, saúde, escolha...

Esses direitos tornam a vida melhor,
Educação e aprendizagens
Algo importante para a nossa sociedade
Conquistado pouco a pouco

A educação nos faz refletir,
Devido a esses direitos
Homens, mulheres, crianças e idosos
Todos têm escolhas

Uma braçada de cada vez,
Foi como nadar contra a maré
Difícil e cansativo
Esses direitos são conquistados

Uma braçada de cada vez
A sociedade tentando evoluir,
Direitos que nos permitem à educação
Pensar, criar, inventar, questionar o que for

Uma braçada de cada vez,
Justiça para todos
Crescimento e evolução
Educação e inovação

Considerações Finais



A justiça social é um tema de urgência em qualquer sociedade moderna: mulheres, homens, crianças de todas as etnias e de todas as origens precisam ter assegurados os direitos básicos à cidadania. Na história da humanidade, os grupos minoritários, judeus, crianças, mulheres, negros, homossexuais, idosos e camponeses, viveram situações de desrespeito às suas vidas, aos seus direitos. Não podemos negar que a história está repleta de conquistas, mas também há violações, retrocessos e desafios. A luta pela justiça social deve ser constante.

Então, considerando esta luta, como garantir Direitos Fundamentais numa sociedade ainda tão desigual? Qual é o papel das instituições de ensino no sentido de promover essa justiça social? Que tipo de ação terá efeito positivo na formação de nossos estudantes? São perguntas que fervilham nas mentes e nos cora

Tendo como tema “Qual o papel da educação na promoção da justiça social a partir da política de Direitos Humanos?”, o Primeiro Concurso de Redação Multicampi do IFB promoveu um importante espaço para refletir sobre a justiça social, que é muito necessário na história da humanidade.

Apesar de todos os avanços científicos, tecnológicos e econômicos, o ser humano ainda tem muito a aprender, pois todos esses avanços não impediram nem impedem que grandes barbáries ainda aconteçam, por exemplo, as guerras, a violência, a escravidão, o genocídio de populações inteiras, o silenciamento de suas culturas, a destruição da natureza, a fome, a desigualdade, a discriminação. Tais eventos bárbaros, em suas mais variadas formas, são algumas das provas de que a humanidade ainda tem em si uma grande capacidade de destruir e de destruir-se.

Contudo, sempre houve, há e haverá seres humanos que lutam contra todas as formas de injustiça social. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, assinada por diversos países na Assembleia das Nações Unidas em 1948, nasceu em prol da luta pela igualdade, e por justiça social.

Destacamos alguns artigos que apontam para a igualdade e nos levam a refletir sobre a necessidade da nossa luta.

Artigo 1º

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

Artigo 2º

Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

Artigo 3º

Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Artigo 4º

Ninguém será mantido em escravidão ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas.

Artigo 5º

Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

Artigo 6º

Todo ser humano tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa perante a lei.

Tais direitos, prescritos na Declaração, oriundos da luta de mulheres e homens, que creram na justiça social, lamentavelmente, ainda precisam ser defendidos em muitas partes do mundo, inclusive em nosso país. Defender os Direitos Humanos é reafirmar nossa humanidade, nossa capacidade de resistir e de seguir lutando e esperançando, no sentido freiriano, por um mundo melhor, mais justo, menos desigual.

O IFB tem como objetivo lutar contra a violência em relação aos nossos iguais, uma violação dos direitos humanos, como vimos no artigo 3º, é importante seguir acreditando na educação como ferramenta de transformação social. Então, como uma ação que visa refletir acerca da justiça social e dos Direitos humanos, o Instituto Federal de Brasília, por meio das Pró-reitorias de Ensino, de Pesquisa e Inovação e de Extensão, promoveu o 1º Concurso de Redação da instituição para fomentar a participação dos e das estudantes nesta reflexão e, dessa forma, também contribuir para a compreensão da igualdade e da justiça social, que compõem os Direitos Humanos e, ainda, construir uma sociedade mais justa em relação ao exercício pleno da cidadania e aos direitos fundamentais à vida.

Paula Dutra

Coordenadora do Curso Ensino Médio Integrado

Rosa Amélia Pereira da Silva

Pró-Reitora de Ensino



Direitos Humanos

em prosa e verso

Coletânea do Primeiro Concurso
Multicampi de Redação do
Instituto Federal de Brasília



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



ISBN: 978-65-6074-007-5

CRL



9 786560 740075